

## arquivos analíticos de políticas educativas

Revista acadêmica, avaliada por pares,  
independente, de acesso aberto, e multilíngüe



Arizona State University

Volume 26 Número 111

17 de setembro de 2018

ISSN 1068-2341

### Pode a Filosofia Contaminar a Tecnociência? A Filosofia nos Cursos de Licenciatura a Distância

*Diogo Bogéa*  
UERJ  
Brasil

**Citação:** Bogéa, D. (2018). Pode a Filosofia contaminar a tecnociência? A Filosofia nos cursos de licenciatura a distância. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 26(111).

<http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3638> Este artigo faz parte do dossiê especial, *Edtech e Políticas de Formação Humana*, editada por Lilian do Valle, Daniel Mill e Aldo Victorio Filho.

**Resumo:** Tendo como fio condutor a questão “Para que serve a filosofia?”, o texto propõe uma investigação sobre o lugar da Filosofia nos cursos de licenciatura a distância. São bem conhecidas as reflexões heideggerianas sobre “a técnica” e a “época tecnocientífica” como essencialmente caracterizadas pelo “puro cálculo”, o qual oblitera a possibilidade de uma lida autêntica com a Filosofia. Queremos chamar a atenção para uma outra dimensão da relação entre Filosofia e “técnica” que Heidegger não explorou: a possibilidade de que através dos infundáveis aparatos tecnológicos que hoje povoam nosso mundo, o gosto pelo autêntico filosofar possa atingir pessoas e lugares até bem pouco tempo inalcançáveis. Para pensar o que possa ser esse “autêntico gosto pelo filosofar” chamamos em nosso auxílio algumas reflexões de Hannah Arendt e Ortega y Gasset.

**Palavras-chave:** Filosofia; tecnociência; EAD

**Can philosophy inoculate technoscience? Philosophy in licenciate distance learning courses**

**Abstract:** This article presents an investigation into the place of philosophy in licentiate distance learning courses. The Heideggerian reflections on “technology” and the “technological epoch” as essentially characterized by “pure calculation”, which obliterates the possibility of an authentic philosophical experience, are well known. This article draws attention to another dimension of the relation between Philosophy and “technology” unexplored by Heidegger: the possibility that through the endless technological apparatus we have in our world, the passion for an authentic philosophical experience may reach people and places until very recently unreachable.

**Keywords:** Philosophy; technoscience; Distance Learning

### **Puede la Filosofía contaminar la tecnociencia? La Filosofía en cursos de licenciatura a distancia**

**Resumen:** Investigación sobre el lugar de la filosofía en los cursos de licenciatura a distancia. Son bien conocidas las reflexiones heideggerianas sobre la “tecnología” y la “época tecnológica” como esencialmente caracterizadas por el “cálculo puro”, que anula la posibilidad de una auténtica experiencia filosófica. Nos gustaría llamar la atención sobre otra dimensión de la relación entre Filosofía y “tecnología” inexplorada por Heidegger: la posibilidad de que a través del aparato tecnológico sin fin que tenemos en nuestro mundo, la pasión por una auténtica experiencia filosófica pueda llegar a personas y lugares hasta muy recientemente inalcanzables.

**Palabras clave:** Filosofía; tecnociencia; Educación a Distancia

## **A “Época” da Tecnociência**

Para que serve a Filosofia? Essa é uma pergunta que todos aqueles que se aventuram na arte do ensino de Filosofia já ouviram ao menos uma vez. A pergunta talvez, no entanto, revele mais sobre o nosso tempo do que possamos perceber à primeira vista. Heidegger dizia que o que caracteriza nossa época essencialmente é a “técnica” ou, poderíamos dizer mais propriamente hoje, a tecnociência. No entanto, o que caracteriza nossa época como tecnocientífica não é o fato de nos encontrarmos em meio a objetos tecnológicos de todos os tipos. O que caracteriza nossa época como tecnocientífica é estarmos imersos no domínio hegemônico do “cálculo” em todos os âmbitos de nossas vidas. Mas “cálculo” também não se resume à lida com operações numéricas nem significa que todas as questões da vida humana podem ser medidas numericamente e convertidas em notações estatísticas. A onipresença dos aparelhos tecnológicos e dos cálculos matemáticos são apenas sintomas que revelam a essência da nossa época como época tecnocientífica.

Vejamos como se desenvolve a caracterização da Época tecnocientífica em alguns textos do próprio Heidegger. Além dos já muito célebres *A questão sobre a técnica* e *A época das imagens de mundo*, o texto da *Conferência de Atenas* traz uma das mais claras exposições de Heidegger acerca da essência da técnica. Neste texto Heidegger se refere à “técnica científica”, como instância decisória “acerca do modo e das possibilidades da estância do homem no mundo” (Heidegger, s/d (a), p. 6). A “técnica científica”, ou, com mais propriedade, num termo já contemporaneamente banalizado, *tecnociência*, consiste no entrelaçamento essencial entre a física matemática – enquanto modelo e medida para as demais ciências – e a produtividade tecnológica. Recorrendo a um fragmento póstumo de Nietzsche, Heidegger define a essência do método científico como “o triunfo do método científico sobre a ciência”. Método aqui não significa, no entanto, “instrumento” a ser utilizado como meio para uma investigação científica.

Método significa, antes, o modo e maneira como a correspondente área dos objectos de investigação é de antemão delimitado na sua objectualidade. O método é o projecto antecipativo do mundo, que fixa o rumo exclusivo da sua investigação possível. E qual é? Resposta: o da total calculabilidade de tudo o que é acessível e comprovável mediante experimentação. As ciências particulares estão sujeitas, no seu procedimento, a este projecto de mundo. Por isso, o método assim entendido "triumfa sobre a ciência". A este triunfo é-lhe inerente uma decisão. É esta: só o que é comprovável cientificamente, isto é, o que é calculável, pode valer de verdade como efectivamente real. A calculabilidade faz do mundo algo que, em qualquer lado e em qualquer momento, é dominável pelo homem. O método é um desafio triunfante ao mundo, para que se ponha absolutamente à disposição do homem. O triunfo do método sobre a ciência iniciou o seu caminho no século XVII, na Europa – e em nenhum outro lugar da Terra – com Galileu e com Newton. (Heidegger, s/d (a), p. 7)

Um dos grandes feitos atribuídos à “Revolução Científica” da qual Galileu e Newton são os maiores expoentes, é a matematização universal dos fenômenos naturais. A concepção da matemática como a própria linguagem de Deus e a natureza como um livro escrito em “linguagem matemática”, permitiram à ciência moderna levar a cabo a escandalosa unificação dos mundos sub e supralunar, num *unív*erso abstrato e quantificável, indiferente a propriedades qualitativas. Nesse sentido, a interpretação de Heidegger é muito esclarecedora, ao revelar o sentido originário da *matemática* (*tà mathémata*), não como um conjunto de operações, fórmulas e cálculos numéricos, mas como “aquilo que o homem já sabe de antemão ao considerar os entes e lidar com as coisas”. Isto é: nos corpos, “o corpóreo”, nas plantas “o botânico”, no humano “a humanidade”, e, como caso exemplar, nas quantidades numéricas, os números, ou seja, “quando nos deparamos com três maçãs sobre a mesa, reconhecemos que há três delas. Mas o número três, a tríade, já eram nossos conhecidos”. Isso quer dizer que “o número é algo matemático”. E como casos mais evidentes do “matemático”, os números são posteriormente estabelecidos como os entes matemáticos por excelência. Portanto a Física moderna não é “matemática” porque realiza operações com números, mas porque já compreendeu de antemão a natureza como universo abstrato de relações quantitativas. (Heidegger, s/d (b), p. 2). Por ser *matemática* nesse sentido, a Ciência moderna se revela como “pesquisa”, “experimento” controlado que visa a confirmação ou refutação de leis previamente estabelecidas e assume a forma de “exploração organizada” especializada e institucionalizada na qual cada “procedimento que conquista as esferas individuais de objetos não se limita a acumular resultados. É bem antes o caso que ele se prepara para um novo procedimento, com a ajuda dos seus resultados” (Heidegger, s/d (b), p. 5).

O que ocorre de modo iminente com a difusão e consolidação do carácter institucional das ciências? Nada menos que o asseguramento da primazia do método diante do ente (natureza e história) que se torna, assim, objetivo, através da pesquisa. Sobre a base do seu carácter de exploração organizada, as ciências alcançam a reunião e unidade que lhes correspondem. (Heidegger, s/d (b), p. 5)

O “triunfo do método” que, enquanto pesquisa e exploração organizada, promove experimentos para exigir do ente a confirmação ou refutação de leis previamente dadas através de sucessivos procedimentos autorregulados por seus resultados parciais, tem de contar com a “necessidade de a natureza” – e o ente em geral – “fornecer dados, que se possa calcular, e de continuar sendo um sistema dis-ponível de informações” (Heidegger, 2012, p. 26). É na (pré)compreensão do

ente como disponível para o fornecimento de dados e informações calculáveis que a Ciência Moderna se encontra – já desde sempre se encontrou – em essência, com a técnica moderna, pois esta é essencialmente caracterizada pela (prê)compreensão do ente como fundo de reserva constantemente disponível para a exploração calculada. “O desencobrimento que rege a técnica moderna é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada” (Heidegger, 2012, p. 19). “Beneficiada e armazenada” visando a re-disponibilização e re-processamento para uma nova exploração calculada com “o máximo de rendimento possível” e “o mínimo de gasto” (Heidegger, 2012, p. 19).

O desencobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar. Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, o estocado, distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de desencobrimento. Todavia, este desencobrimento não se dá simplesmente. Tampouco, perde-se no indeterminado. Pelo controle, o desencobrimento abre para si mesmo suas próprias pistas, entrelaçadas numa trança múltipla e diversa. Por toda parte, assegura-se o controle. Pois controle e segurança constituem até as marcas fundamentais do descobrimento explorador. (Heidegger, 2012, p. 20)

## **A Lógica Capitalista**

Se Heidegger considera que a origem do modo de funcionamento de nossa época é uma “misteriosa doação do Ser”, poderíamos ser um pouco mais realistas, e pensar a íntima ligação entre um tal modo de compreensão do ser e dos entes e a consolidação da lógica capitalista como hegemônica. Há um texto de Benjamin Constant que captura muito bem, já em 1819, o espírito da lógica capitalista. Trata-se de “Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos”, no qual Constant defende que enquanto a liberdade dos antigos é essencialmente liberdade de participação política nos assuntos da cidade, a liberdade que interessa aos modernos é liberdade individual de dedicar-se livremente aos seus “negócios privados”:

É para cada um o direito de não se submeter senão às leis, de não podar ser preso, nem detido, nem condenado, nem maltratado de nenhuma maneira, pelo efeito da vontade arbitrária de um ou de vários indivíduos. É para cada um o direito de dizer sua opinião, de escolher seu trabalho e de exercê-lo; de dispor de sua propriedade, até de abusar dela; de ir e vir, sem necessitar de permissão e sem ter que prestar conta de seus motivos ou de seus passos. É para cada um o direito de reunir-se a outros indivíduos, seja para discutir sobre seus interesses, seja para professar o culto que ele e seus associados preferirem, seja simplesmente para preencher seus dias e suas horas de maneira mais condizente com suas inclinações, com suas fantasias. Enfim, o direito, para cada um, de influir sobre a administração do governo, seja pela nomeação de todos ou de certos funcionários, seja por representações, petições, reivindicações, às quais a autoridade é mais ou menos obrigada a levar em consideração. (Constant, 1980, p. 2)

E todos esses elementos que dão significado à palavra Liberdade na modernidade podem ser alcançados graças à onipresença e à onipotência do “comércio”, que se tornou “o fim único, a tendência universal, a verdadeira vida das nações”:

o comércio não deixa, como a guerra, intervalos de inatividade na vida do homem. O exercício contínuo dos direitos políticos, a discussão diária dos negócios de Estado, as discussões, os conciliábulos, todo o cortejo e movimento das facções, agitações necessárias, recheio indispensável, se ousar empregar esta expressão, na vida dos povos livres da antiguidade, que se teriam entediado, sem esse recurso, sob o peso de uma ociosidade dolorosa, acarretariam apenas perturbação e cansaço às nações modernas, onde cada indivíduo, ocupado por suas especulações, por seus empreendimentos, pelos resultados que obtém ou espera, quer ser desviado disso o menos possível. (...)

o comércio inspira aos homens um forte amor pela independência individual. O comércio atende a suas necessidades, satisfaz seus desejos, sem a intervenção da autoridade. Esta intervenção é quase sempre, e não sei por que digo quase, esta intervenção é sempre incômoda. Todas as vezes que o poder coletivo quer intrometer-se nas especulações particulares, ele atrapalha os especuladores. (Constant, 1980, pp. 5-6)

Por isso, das questões políticas devem se ocupar uns poucos “representantes”, dos quais não se deve temer nenhum atentado às liberdades individuais, porque na nova ordem das coisas, há uma clara hierarquia entre poder econômico e poder político:

O dinheiro, diz um autor francês, é a arma mais perigosa do despotismo; mas é ao mesmo tempo seu freio mais poderoso; o crédito está submetido à opinião; a força é inútil, o dinheiro esconde-se ou foge, todas as operações do Estado ficam suspensas. O crédito não tinha a mesma influência entre os antigos; seus governos eram mais fortes que os particulares; em nossos dias estes são mais fortes que os poderes políticos; a riqueza é uma força mais disponível em todos os momentos, mais aplicável a todos os interesses e, em consequência, muito mais real e mais bem obedecida; o poder ameaça, a riqueza recompensa; escapa-se ao poder enganando-o; para obter os favores da riqueza, é preciso servi-la (Constant, 1980, p. 13).

Resta obscuro no texto de Constant, o que pode significar a *liberdade* de cuidar dos seus negócios privados, “empreender”, “especular”, “usar e até abusar de sua propriedade” para uma massa empobrecida que, oscilando entre desemprego e subemprego, é obrigada a lutar diariamente por sua subsistência. O que chamo aqui de “lógica capitalista” é a compreensão do mundo segundo a qual o próprio sentido da vida humana se resume a desempenhar a função de uma pequena engrenagem na grande máquina capitalista mundial: uma máquina automotora e cíclica de produção, consumo e lucro. Como um *readymade* duchampiano (inconsciente de si mesmo), trata-se de uma máquina inútil, na qual produz-se para gerar consumo, consome-se para gerar lucro e lucra-se para investir em mais produção e mais consumo. No interior da lógica capitalista, tudo o que vem a ser – inclusive nós mesmos – deve “servir”, portanto, para gerar produção, consumo e lucro, sem que jamais se coloque a questão decisiva: a pergunta “para que serve, afinal, essa máquina cíclica de produção, consumo e lucro?”.

Nada revela mais claramente a compreensão de mundo regida pela lógica capitalista do que a obsessão contemporânea pelo modo de existência “empresarial”. Assim, proliferam os “*coaches*” que prometem, através de uma série de métodos e técnicas, promover o desenvolvimento do “capital humano” investindo na geração e “otimização” das “habilidades e competências” capazes de levar as pessoas ao “sucesso”, a atingir suas “metas”, o que significa

simplesmente ser economicamente produtivo, lucrar, e desfrutar das benesses materiais que um alto poder de consumo proporciona.

### “Para Que Serve a Filosofia?”

A pergunta “para que serve a Filosofia?” chega a nós, portanto, como um sintoma da época. Quer-se dizer com ela: o que se dá, na Filosofia, como “fundo de reserva” para uma exploração organizada? Como podemos usar a Filosofia para produzir efeitos práticos imediatos? O que podemos, enfim, fazer com a Filosofia? E também: o que se pode produzir com a Filosofia? Como se pode lucrar com a Filosofia? Como ela nos ajuda em relação à nossa inserção no “mercado de trabalho”?

O pior é que parecemos constitutivamente incapazes de responder a essa aparentemente simples questão. A pergunta nos deixa sempre em maus lençóis. Podemos ter várias respostas na ponta da língua, mas nenhuma delas parece realmente satisfatória. Talvez essa “incapacidade”, no entanto, não seja realmente uma limitação nossa. Talvez se trate de uma “incapacidade” da própria Filosofia. Uma “incapacidade” que não constitui, neste caso, uma limitação, mas, pelo contrário, uma abertura. A Filosofia não é uma “ciência”. Não é o “estudo” disso ou daquilo. Não é um “método” que nos conduza a estes ou aqueles resultados. A Filosofia é sempre estranha. Sempre uma estrangeira em meio a “disciplinas”, “ciências”, “métodos” e “técnicas”.

Os antigos diziam que a “origem” da Filosofia é o espanto. Em *A vida do Espírito*, Hannah Arendt nos fala sobre essa experiência extraordinária. Ela começa citando Platão, nesta bela passagem do Teeteto:

Pois essa é a principal paixão (*pathos*) do filósofo: espantar-se (*thaumazein*). Não há outro começo ou princípio (*archê*) da filosofia senão esse. Penso que não era mau genealogista aquele [ou seja, Hesíodo] que fez de Íris [o arco-íris, um mensageiro dos deuses] filha de Thaumás [aquele que espanta]. (ap. Arendt, 1992, p. 108)

Segundo Hannah Arendt, a palavra *thaumazein*,

quando se traça sua genealogia, aparece regularmente em Homero e é derivada de um dos muitos verbos gregos que designam ‘ver’, no sentido de ‘olhar para’: *theasthai* – encontramos antes a mesma raiz nos *theastai* de Pitágoras, os espectadores. Em Homero, esse olhar suscitado pelo espanto está em geral reservado para homens a quem um deus aparece. Ele também é usado como adjetivo para homens admiráveis, a saber, homens dignos do espanto admirativo que costumamos reservar para os deuses, para homens semelhantes a deuses. Além disso, os deuses que apareciam aos homens tinham essa peculiaridade: apareciam sob um disfarce humano familiar e eram reconhecidos apenas por aqueles que se aproximavam. O espanto como resposta não é algo, portanto, que os homens possam evocar por si mesmos. O espanto é um *pathos*, algo sofrido, e não produzido. Em Homero, é o deus quem age, enquanto os homens têm que suportar sua aparição.

Em outras palavras, o que deixa os homens espantados é algo familiar, e ainda assim normalmente invisível, que eles são forçados a *admirar*. (...) A filosofia começa com a consciência dessa ordem harmônica invisível do *kosmos*, que se manifesta em meio às visibilidades familiares, como se estas se tivessem tornado transparentes. O filósofo maravilha-se com a ‘harmonia não-visível’ que, segundo Heráclito, é ‘melhor que a visível’. (Arendt, 1992, pp. 108-109).

A “origem” e o “fundo de sustentação” da Filosofia é o “espanto”, a perplexidade que irrompe repentinamente e quebra o fluxo normal e automático da vida cotidiana. Esse “espanto” que está na origem da Filosofia é da ordem do “pathos”: algo que chega vindo não se sabe bem de onde e nos atinge, nos arrebatando e nos possui, toma conta do corpo e do espírito. Na experiência *patética* do espanto, emerge um estranhamento radical em relação a tudo o que nos era familiar. O “estranho”, a “alteridade” se revela no seio daquilo mesmo que nos era mais familiar. Essa experiência nos arranca do mundo cotidiano, no qual estamos todo o tempo atuando como “atores” segundo os scripts mais ou menos pré-estabelecidos nos diversos âmbitos do “teatro social” e nos atira repentinamente na posição de “espectadores”. É nessa posição de espectadores que ganhamos uma liberdade de consideração inaudita que nos permite compreender o mundo: a lógica, a ordem, a “harmonia invisível” que rege o espetáculo da existência.

No caso da Filosofia, na qual o que está sempre em jogo não é simplesmente a “sophia”, a “sabedoria” do “sábio”, mas uma “philia”, um amor, um desejo, um tesão que nos arrasta em direção à “sophia”, essa “compreensão” nunca é total e absoluta. É sempre uma busca de compreensão, uma busca insaciável, que nunca pode se dar por completa, ou decairíamos da inquietante postura filosófica e nos estabeleceríamos na confortável posição do “sábio”. Até porque a busca de “compreensão do mundo” é sempre a busca pela compreensão do *nosso* mundo. Do mundo que, a cada vez, nos cabe. Do mundo no qual fomos atirados, lançados, em meio a estas – e não outras – circunstâncias específicas. “Eu sou eu e minha circunstância” (Ortega y Gasset, 1914, p. 43), como diz Ortega y Gasset.

De imediato e sem saber como nem por quê, sem anúncio prévio, o homem se descobre e surpreende tendo de “ser” num âmbito impremeditado, imprevisto, neste de agora, numa conjuntura de circunstâncias determinadíssimas (...). Chamemos provisoriamente, para facilitar a compreensão desse âmbito impremeditado e imprevisto, essa circunstância determinadíssima na qual, ao viver, nos encontramos sempre, de mundo. Pois bem, esse mundo no qual tenho de ser ao viver me permite escolher, *dentro dele*, estar nesse lugar ou noutro, mas a ninguém é dado escolher o mundo em que se vive: é sempre este, este de agora. Não podemos escolher o século, nem o dia ou a data em que vamos viver, nem o universo em que vamos nos mover. O viver ou o ser vivo, que são a mesma coisa, o ser homem, não admite preparação nem ensaio prévio. A vida nos é disparada a queima-roupa. (Ortega y Gasset, 2017, p. 63)

E é nesse “mundo” que vivemos e é nele que vamos nos tornando, a cada vez, o que somos. São as circunstâncias – históricas, econômicas, políticas, socioculturais, simbólicas, fisiológicas (nossos corpos inclusive) – que determinam nosso “ser”, que determinam o ser que a cada vez vamos nos tornando.

TODAS as nossas ações, e uma ação é o pensar, vão como perguntas ou como respostas referidas sempre àquela porção do mundo em que cada instante existe para nós. Nossa vida é um diálogo no qual o indivíduo é só um interlocutor: o outro é a paisagem, o circunstante. Como entender um sem o outro? (Ortega y Gasset, 1963, p. 149)

Não há como compreender a nós mesmos sem que compreendamos as circunstâncias. Não é uma “meditação introspectiva” que vai nos revelar nosso “verdadeiro eu”. A “meditação introspectiva” só nos mostrará a “auto-imagem” que nós mesmos e o mundo circundante projetamos “no fundo” do nosso ser. Para buscar compreender nosso “eu” é preciso

compreender as circunstâncias, isto é, “todas as coisas e seres do universo que estão aí ao nosso redor, compondo nosso entorno” (Ortega y Gasset, 2017, p. 22): “minerais, plantas, animais, os outros homens” (Ortega y Gasset, 2017, p. 70), “a realidade cósmica, a corporalidade, a vida psíquica, a cultura em que se vive, nela incluída também as experiências acumuladas no tempo” (Carvalho, 2009, p. 332)

Buscando compreender as circunstâncias, a Filosofia coloca em questão – coloca sob questionamento – todas as supostas “verdades” que sustentam a vida cotidiana, coloca em questão todas as narrativas já estabelecidas e tomadas como “verdadeiras” que perpassam o “senso comum” de uma época e constituem a própria carne do “teatro social”. Por isso, onde houver experiências filosóficas autênticas, haverá uma atitude rebelde, crítica e questionadora que será recebida, para dizer o mínimo, com desconfiança pelos poderes estabelecidos e pelo senso comum de uma época. Mas, isso não faz o envolvimento com a Filosofia tão “romântico” ou “heroico” quanto a descrição precedente fez parecer. Isso porque são essas narrativas e significações cristalizadas que sustentam os – e são sustentadas pelos – poderes estabelecidos e pelo senso comum de uma época, que nos dizem “quem somos”. Nós também crescemos e vivemos acreditando nelas e elas nos fornecem todo o arcabouço daquilo que chamamos de nossa “identidade”. Assim, a Filosofia, como atitude rebelde, crítica e questionadora que coloca todos os supostos fundamentos vigentes numa época e num lugar “em questão”, permanece sempre ela mesma suspensa sobre o abismo. Abismo que não cessa de evocar o “espanto”, a experiência da mais radical perplexidade que nos arranca repentinamente do âmbito das significações e fundamentações estabelecidas, a experiência, portanto, de não ter fundamentos, amparos ou anteparos aos quais possamos nos agarrar. Portanto, o envolvimento com a Filosofia coloca em jogo nosso próprio “ser” e nos sentimos muitas vezes como que suspensos sobre o abismo.

### **A Filosofia nos Cursos de Licenciatura a Distância**

Heidegger faz de nossa época tecnocientífica uma imagem de aridez desértica para o pensamento. Isso porque, se a essência da nossa época é o “cálculo”, no sentido de já ter sempre partido de um fundamento pré-estabelecido que pré-determina o sentido e o valor de tudo o que vem ao encontro como “fundo de reserva para a exploração organizada”, então não haveria espaço para a irrupção do “espanto” que constitui o “princípio” da autêntica experiência filosófica.

A crítica de Heidegger não é infundada. É difícil negar que a lógica tecnocapitalista que rege nosso mundo tende a se apropriar de todos os âmbitos de nossas vidas. Nos cursos de licenciatura a distância, temos esse estranho encontro entre Filosofia e “tecnologias da informação e da comunicação”. Nesse encontro, por um lado, existe sempre a tentação de lidarmos tecnicamente com a Filosofia. Podemos assim tentar fazer da Filosofia – enquanto Filosofia da Educação oferecida aos cursos de licenciatura – uma disciplina com um “conteúdo” determinado, como uma “informação” que pode ser armazenada e “comunicada”, armazenada e “transmitida” através de um “método” específico. Não raramente vemos, inclusive, nos cursos de licenciatura, a Filosofia se converter em uma disciplina à qual cabe justamente a apresentação de “conteúdos” e “métodos”, como se, na formação de professores, tudo se resumisse a aprender o “método” mais eficaz para “transmitir conteúdos” de maneira “progressista” e “libertadora”. Essa obsessão da “Filosofia da Educação” pelo “método”, que remonta a Dewey e cuja preocupação é estabelecer as bases para a construção de uma educação “nova e progressiva” em oposição a uma educação “tradicional” (Dewey, 1979, pp. 3-9), pode sem

dúvida gerar muitos frutos, mas permanece ainda presa ao domínio hegemônico daquilo que Heidegger chamava de “cálculo”.

Da mesma forma permanece a Filosofia da Educação presa às teias do “cálculo”, caso cultive a pretensão de assumir a tarefa de transmissão dos “valores éticos” estabelecidos ou a tarefa de formar pessoas comprometidas com a transformação sociopolítica da sociedade num sentido pré-determinado por alguma teoria sociopolítica. Sobre estes dois casos específicos Paulo Freire tem uma passagem altamente esclarecedora – uma passagem da qual seus admiradores parecem muitas vezes se esquecer:

o primeiro pretende “domesticar” o presente para que o futuro, na melhor das hipóteses, repita o presente “domesticado”, enquanto o segundo transforma o futuro em algo pré-estabelecido, uma espécie de fado, de sina ou de destino irremediáveis. Enquanto, para o primeiro, o hoje ligado ao passado, é algo dado e imutável; para o segundo, o amanhã é algo pré-dado, prefixado inexoravelmente. Ambos se fazem reacionários porque, a partir de sua falsa visão da história, desenvolvem um e outro formas de ação negadoras da liberdade. É que, o fato de um conceber o presente “bem comportado” e o outro, o futuro como predeterminado, não significa que se tornem espectadores, que cruzem os braços, o primeiro, esperando a manutenção do presente, uma espécie de volta ao passado; o segundo, à espera de que o futuro já “conhecido” se instale. Pelo contrário, fechando-se em um “círculo de segurança”, do qual não podem sair, estabelecem ambos sua verdade. E esta não é a dos homens na luta para construir o futuro, correndo o risco dessa própria construção. Não é a dos homens lutando e aprendendo, uns com os outros, a edificar este futuro, que ainda não está dado, como se fosse destino, como se devesse ser recebido pelos homens e não criado por eles. (Freire, 1987, p. 14)

Sempre ainda que pensamos o sentido da formação como “preparação para o mercado de trabalho” e entendemos a Filosofia como uma disciplina entre outras capaz de desenvolver tais e tais “habilidades e competências” objetivamente avaliáveis, já nos deixamos decair numa lida tecnocapitalista com a Filosofia. A lógica “empresarial” com suas promessas de felicidade e sucesso ilimitados – “felicidade” e “sucesso” cujo critério único é a riqueza material – não cessam de gerar demandas por uma “pedagogia empresarial”, por uma “filosofia empresarial”, por uma “universidade empresarial”. Walter Benjamin já dizia: o capitalismo é a religião predominante no nosso tempo.

O capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta (Benjamin, 2013, p. 21)

Sempre que a Filosofia da Educação pretende estabelecer respostas para questões do tipo: “como dar aula?”; “que conteúdo transmitir?”; “como transmitir conteúdo?”; “como deve se estruturar a disciplina, o currículo, a escola, para que a educação seja ‘libertadora?’”; “como formar pessoas perfeitamente capazes de reproduzir ou subverter os valores vigentes?”; “como formar pessoas capazes de transformar a sociedade de uma maneira específica?”; Enfim, sempre que nossa lida com a Filosofia é reconduzida a um fundamento supostamente bem estabelecido, o qual nos permite um auto-asseguramento acerca de “onde estamos”, bem como uma certeza inequívoca em relação a “de onde viemos” e “para onde devemos ir”, estamos submersos no regime do “cálculo”. Lidamos tecnicamente com a Filosofia. Nessa lida técnica com a Filosofia

o que se perde é a possibilidade do espanto e, portanto, o próprio “princípio” que faz da Filosofia essa postura irremediavelmente estranha e estrangeira em relação ao senso comum, às ciências, às disciplinas e às técnicas.

No entanto, há, por outro lado, nesse problemático encontro entre Filosofia e tecnologias da informação e da comunicação, uma possibilidade que Heidegger não viu. Acontece que nesse encontro, não há apenas o risco – muitas vezes efetivamente realizado – de que a “técnica” e o “cálculo” se apropriem da Filosofia. Há também a possibilidade – também muitas vezes realizada – de que a Filosofia contamine, impregne, atravesse a técnica e o cálculo com a dimensão incalculável do autêntico pensar. A gigas por segundo, estendendo-se a “polos” até bem pouco tempo inalcançáveis pela universidade, a Filosofia se faz presente nos cursos de licenciatura a distância. Essa presença é sempre altamente inquietante – se os coordenadores levam a sério o que está realmente em jogo com a Filosofia –, pois faz com que os alunos se deparem com uma disciplina que não “serve” simplesmente para transmitir um “conteúdo” determinado, que não “serve” para ensiná-los a transmitir conteúdo desta ou daquela forma, que não “serve” para desenvolver estas e aquelas “habilidades e competências” específicas, que não “serve” simplesmente para prepará-los para o “mercado de trabalho”.

O que a Filosofia da Educação pode fazer, quando se explora suas mais profícuas possibilidades, é assumir o risco de colocar em questão os fundamentos que atravessam os processos de formação humana, e isso significa colocar em questão as concepções cristalizadas de “humano” e de “mundo” que regulam e atravessam as práticas e discursos educacionais de uma época.

Na formação de professores talvez não se trate tanto de ensinar um “método” seguro que nossos alunos, futuros professores possam aplicar de maneira eficaz. Por mais que seja importante – não negamos – a dedicação incansável ao aprendizado de métodos, técnicas e teorias que possam construir para cada pessoa um vasto repertório capaz de auxiliar a prática docente, nunca estaremos realmente “preparados” para nos colocar diante de tantos olhares singulares que nos atravessam, que nos acolhem e nos recusam de múltiplas e diferentes maneiras, em meio a circunstâncias tão singulares de um mundo, de uma região, de uma escola, de uma turma que compõem esse evento incalculável que chamamos aula. É preciso preparar os professores, em primeiro lugar, para o fato de que nunca estarão preparados, para o inquietante encontro com o outro, para o abalo e para o abismo de uma lida incalculável com o outro.

Talvez o que esteja em jogo na formação de professores seja antes de tudo a formação de humanos. E talvez o grande desafio para essa estranha disciplina chamada Filosofia, seja permanecer estranha e despertar estranhamentos. Fazer reverberar em cada um o “espanto” que constitui, como um fundo sem fundo, seu “princípio”. Contagiar os humanos – estes que pretendem se tornar professores – com a postura rebelde e crítica que não cessa de colocar em questão os fundamentos cristalizados do nosso tempo. Despertar em cada um o gosto, a “*philia*”, o desejo de compreender as circunstâncias que, compondo nosso mundo, nos dão forma e nos fazem ser quem somos. Muitos permanecerão indiferentes a esse chamado e se restringirão a uma lida técnica com a Filosofia? Não importa. Os resultados nos escapam. O fato é que, através das tecnologias, muitos outros serão afetados pelo “*pathos*” do espanto e pelo desejo de compreensão – e também através das tecnologias hoje disponíveis poderão se dedicar ao aprofundamento de suas buscas, e encontrarão muitos textos e áudios e vídeos enriquecedores que podem gerar ainda mais “espanto” e ainda mais desejo de compreensão.

Quando nos perguntam, portanto, “para que serve a Filosofia?”, poderíamos nos lembrar dessa frase de Heidegger: “se NÓS nada poderemos fazer com a filosofia, acaso a filosofia também não poderá fazer alguma coisa CONOSCO, com tanto que nos abandonemos a ela?” (Heidegger, 1999, p. 43).

## Referências

- Arendt, H. (1992). *A vida do Espírito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/EdUFRJ.
- Benjamin, W. (2013). *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo.
- Carvalho, J. M. (2009). O conceito de circunstância em Ortega y Gasset. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, 43(2), 331-345
- Constant, B. (1980). *Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos*. In M. Gauchet (Org.), *De la liberté chez les modernes* (Trad. L.Silveira). Paris: Le livre de poche. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/Constant\\_liberdade.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/Constant_liberdade.pdf)
- Dewey, J. (1979). *Experiência e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Heidegger, M.. (1999). *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Heidegger, M. (2012). A questão da técnica. In *Ensaaios e Conferências* (pp. 11-38). Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (s.d.[a]). *A proveniência da arte e a determinação do pensar (Conferência de Atenas)*. (Trad. I. Borges Duarte). Disponível em: [http://www.martin-heidegger.net/Textos/html/Athenaer\\_Vortrag-Pt-fin\[1\].pdf](http://www.martin-heidegger.net/Textos/html/Athenaer_Vortrag-Pt-fin[1].pdf)
- Heidegger, M. (s.d.[b]). *A Época das imagens de mundo* (Trad. de C. Drucker). Nova Iorque: Harper. <http://ateus.net/artigos/filosofia/a-epoca-das-imagens-de-mundo/>
- Ortega y Gasset, J. (1914). *Meditaciones del quijote*. Madrid: Publicaciones de la residencia de estudiantes.
- Ortega y Gasset, J. (2017). *O homem e os outros*. Campinas: Vide editorial.
- Ortega y Gasset, J. (1963). *Muerte y resurrección*. In *Obras Completas tomo II – El Espectador*. Madrid: Revista de occidente.

## **Sobre o Autor**

### **Diogo Bogéa**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

diogobogea@hotmail.com

Professor de Filosofia na Faculdade de Educação da UERJ. Doutor e Mestre em Filosofia pela PUC-Rio. Licenciado em História pela UERJ-FFP.

## **Sobre o Editores**

### **Lílian do Valle**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

lilidovalle@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8694-9297>

Professora titular de Filosofia da Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, doutora em Educação pela Universidade de Paris V – René Descartes.

### **Daniel Mill**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

mill.ufscar@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8336-3645>

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutor em Educação (UFMG). Gestor em Educação a Distância.

### **Aldo Victorio Filho**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

avictorio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7132-8615>

Professor do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado (PPGArtes). Doutor em Educação (UERJ).

**Dossiê Especial**  
**Edtech e Políticas de Formação Humana**

# arquivos analíticos de políticas educativas

Volume 26 Número 111

17 de setembro 2018

ISSN 1068-2341



O Copyright e retido pelo/a o autor/a (ou primeiro co-autor) que outorga o direito da primeira publicação à revista **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. Más informação da licença de Creative Commons encontram-se em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5>. Qualquer outro uso deve ser aprovado em conjunto pelo/s autor/es e por AAPE/EPAA. AAPE/EPAA é publicada por *Mary Lou Fulton Institute Teachers College da Arizona State University*. Os textos publicados em **AAPE** são indexados por CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas, Espanha) DIALNET (Espanha), [Directory of Open Access Journals](#), Education Full Text (H.W. Wilson), EBSCO Education Research Complete, ERIC, QUALIS A1 (Brasil), SCImago Journal Rank; SCOPUS, SOCOLAR (China).

Curta a nossa comunidade EPAA's Facebook <https://www.facebook.com/EPAAAPE> e Twitter feed @epaa\_aape.

arquivos analíticos de políticas educativas  
conselho editorial

Editor Consultor: **Gustavo E. Fischman** (Arizona State University)

Editoras Associadas: **Kaizo Iwakami Beltrao**, (Brazilian School of Public and Private Management - EBAPE/FGV, Brazil), **Geovana Mendonça Lunardi Mendes** (Universidade do Estado de Santa Catarina), **Gilberto José Miranda**, (Universidade Federal de Uberlândia, Brazil), **Marcia Pletsch**, **Sandra Regina Sales** (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

**Almerindo Afonso**

Universidade do Minho  
Portugal

**Alexandre Fernandez Vaz**

Universidade Federal de Santa  
Catarina, Brasil

**José Augusto Pacheco**

Universidade do Minho, Portugal

**Rosanna Maria Barros Sá**

Universidade do Algarve  
Portugal

**Regina Célia Linhares Hostins**

Universidade do Vale do Itajaí,  
Brasil

**Jane Paiva**

Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Brasil

**Maria Helena Bonilla**

Universidade Federal da Bahia  
Brasil

**Alfredo Macedo Gomes**

Universidade Federal de Pernambuco  
Brasil

**Paulo Alberto Santos Vieira**

Universidade do Estado de Mato  
Grosso, Brasil

**Rosa Maria Bueno Fischer**

Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, Brasil

**Jefferson Mainardes**

Universidade Estadual de Ponta  
Grossa, Brasil

**Fabiany de Cássia Tavares Silva**

Universidade Federal do Mato  
Grosso do Sul, Brasil

**Alice Casimiro Lopes**

Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Brasil

**Jader Janer Moreira Lopes**

Universidade Federal Fluminense e  
Universidade Federal de Juiz de Fora,  
Brasil

**António Teodoro**

Universidade Lusófona  
Portugal

**Suzana Feldens Schwertner**

Centro Universitário Univates  
Brasil

**Debora Nunes**

Universidade Federal do Rio Grande  
do Norte, Brasil

**Lílian do Valle**

Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Brasil

**Flávia Miller Naethe Motta**

Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro, Brasil

**Alda Junqueira Marin**

Pontifícia Universidade Católica de  
São Paulo, Brasil

**Alfredo Veiga-Neto**

Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, Brasil

**Dalila Andrade Oliveira**

Universidade Federal de Minas  
Gerais, Brasil

## archivos analíticos de políticas educativas consejo editorial

Editor Consultor: **Gustavo E. Fischman** (Arizona State University)

Editores Asociados: **Armando Alcántara Santuario** (Universidad Nacional Autónoma de México), **Jason Beech** (Universidad de San Andrés), **Angelica Buendia** (Metropolitan Autonomous University), **Ezequiel Gomez Caride** (Pontificia Universidad Católica Argentina), **Antonio Luzon** (Universidad de Granada), **José Luis Ramírez Romero** (Universidad Autónoma de Sonora, México), **Paula Razquin** (Universidad de San Andrés)

**Claudio Almonacid**

Universidad Metropolitana de  
Ciencias de la Educación, Chile

**Miguel Ángel Arias Ortega**

Universidad Autónoma de la  
Ciudad de México

**Xavier Besalú Costa**

Universitat de Girona, España

**Xavier Bonal Sarro** Universidad  
Autónoma de Barcelona, España

**Antonio Bolívar Boitia**

Universidad de Granada, España

**José Joaquín Brunner** Universidad  
Diego Portales, Chile

**Damián Canales Sánchez**

Instituto Nacional para la  
Evaluación de la Educación,  
México

**Gabriela de la Cruz Flores**

Universidad Nacional Autónoma de  
México

**Marco Antonio Delgado Fuentes**

Universidad Iberoamericana,  
México

**Inés Dussel**, DIE-CINVESTAV,  
México

**Pedro Flores Crespo** Universidad  
Iberoamericana, México

**Ana María García de Fanelli**

Centro de Estudios de Estado y  
Sociedad (CEDES) CONICET,  
Argentina

**Juan Carlos González Faraco**

Universidad de Huelva, España

**María Clemente Linuesa**

Universidad de Salamanca, España

**Jaume Martínez Bonafé**

Universitat de València, España

**Alejandro Márquez Jiménez**

Instituto de Investigaciones sobre la  
Universidad y la Educación,  
UNAM, México

**María Guadalupe Olivier Tellez**,  
Universidad Pedagógica Nacional,  
México

**Miguel Pereyra** Universidad de  
Granada, España

**Mónica Pini** Universidad Nacional  
de San Martín, Argentina

**Omar Orlando Pulido Chaves**

Instituto para la Investigación  
Educativa y el Desarrollo  
Pedagógico (IDEP)

**José Ignacio Rivas Flores**

Universidad de Málaga, España

**Miriam Rodríguez Vargas**

Universidad Autónoma de  
Tamaulipas, México

**José Gregorio Rodríguez**

Universidad Nacional de Colombia,  
Colombia

**Mario Rueda Beltrán** Instituto de  
Investigaciones sobre la Universidad  
y la Educación, UNAM, México

**José Luis San Fabián Maroto**

Universidad de Oviedo,  
España

**Jurjo Torres Santomé**, Universidad  
de la Coruña, España

**Yengny Marisol Silva Laya**

Universidad Iberoamericana,  
México

**Ernesto Treviño Ronzón**

Universidad Veracruzana, México

**Ernesto Treviño Villarreal**

Universidad Diego Portales  
Santiago, Chile

**Antoni Verger Planells**

Universidad Autónoma de  
Barcelona, España

**Catalina Wainerman**

Universidad de San Andrés,  
Argentina

**Juan Carlos Yáñez Velazco**

Universidad de Colima, México

education policy analysis archives  
editorial board

Lead Editor: **Audrey Amrein-Beardsley** (Arizona State University)

Executive Editor: **Gustavo E. Fischman** (Arizona State University)

Associate Editors: **David Carlson, Lauren Harris, Eugene Judson, Mirka Koro-Ljungberg, Scott Marley, Molly Ott, Iveta Silova** (Arizona State University)

**Cristina Alfaro** San Diego State University

**Gary Anderson** New York University

**Michael W. Apple** University of Wisconsin, Madison

**Jeff Bale** OISE, University of Toronto, Canada

**Aaron Bevanot** SUNY Albany

**David C. Berliner** Arizona State University

**Henry Braun** Boston College

**Casey Cobb** University of Connecticut

**Arnold Danzig** San Jose State University

**Linda Darling-Hammond** Stanford University

**Elizabeth H. DeBray** University of Georgia

**Chad d'Entremont** Rennie Center for Education Research & Policy

**John Diamond** University of Wisconsin, Madison

**Matthew Di Carlo** Albert Shanker Institute

**Sherman Dorn** Arizona State University

**Michael J. Dumas** University of California, Berkeley

**Kathy Escamilla** University of Colorado, Boulder

**Yariv Feniger** Ben-Gurion University of the Negev, Israel

**Melissa Lynn Freeman** Adams State College

**Rachael Gabriel** University of Connecticut

**Amy Garrett Dikkers** University of North Carolina, Wilmington

**Gene V Glass** Arizona State University

**Ronald Glass** University of California, Santa Cruz

**Jacob P. K. Gross** University of Louisville

**Eric M. Haas** WestEd

**Julian Vasquez Heilig** California State University, Sacramento

**Kimberly Kappler Hewitt** University of North Carolina Greensboro

**Aimee Howley** Ohio University

**Steve Klees** University of Maryland

**Jaekyung Lee** SUNY Buffalo

**Jessica Nina Lester** Indiana University

**Amanda E. Lewis** University of Illinois, Chicago

**Chad R. Lochmiller** Indiana University

**Christopher Lubienski** Indiana University

**Sarah Lubienski** Indiana University

**William J. Mathis** University of Colorado, Boulder

**Michele S. Moses** University of Colorado, Boulder

**Julianne Moss** Deakin University, Australia

**Sharon Nichols** University of Texas, San Antonio

**Eric Parsons** University of Missouri-Columbia

**Amanda U. Potterton** University of Kentucky

**Susan L. Robertson** Bristol University, UK

**Gloria M. Rodriguez** University of California, Davis

**R. Anthony Rolle** University of Houston

**A. G. Rud** Washington State University

**Patricia Sánchez** University of University of Texas, San Antonio

**Janelle Scott** University of California, Berkeley

**Jack Schneider** University of Massachusetts Lowell

**Noah Sobe** Loyola University

**Nelly P. Stromquist** University of Maryland

**Benjamin Superfine** University of Illinois, Chicago

**Adai Tefera** Virginia Commonwealth University

**Tina Trujillo** University of California, Berkeley

**Federico R. Waitoller** University of Illinois, Chicago

**Larisa Warhol** University of Connecticut

**John Weathers** University of Colorado, Colorado Springs

**Kevin Welner** University of Colorado, Boulder

**Terrence G. Wiley** Center for Applied Linguistics

**John Willinsky** Stanford University

**Jennifer R. Wolgemuth** University of South Florida

**Kyo Yamashiro** Claremont Graduate University